

O VIAJANTE APRENDIZ

Victor Uchôa, 2009 (textos e fotos)

Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com
Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação,
Universidade Federal da Bahia, 2009.

Orientadora: Professora Doutora Malu Fontes

Revisão: Professora Mestra Lícia Creusa Portela

Projeto Gráfico: David Dias

Capa: Rafael Vasconcelos com foto de Victor Uchôa

Uchôa, Victor.

O Viajante Aprendiz: Impressões de um mochileiro em
terra estrangeira / Victor Uchôa – Salvador: 2009.
90 p.

1. Crônicas 2. Fotos 3. Viagens 4. Usos e costumes
5. Visitas estrangeiras 6. Futebol

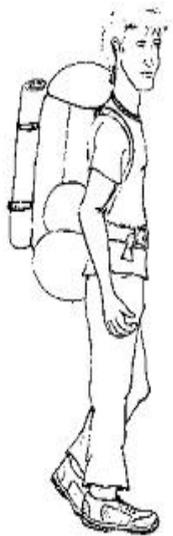
Edição do Autor

Victor Uchôa

O VIAJANTE APRENDIZ

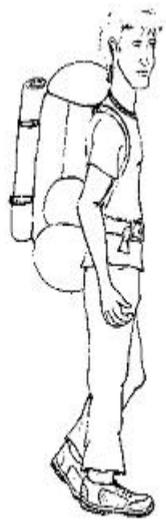
Impressões de um mochileiro em terra
estrangeira

EDIÇÃO DO AUTOR

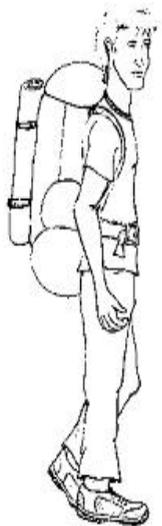


“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livro ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece, para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como imaginamos e não simplesmente como ele é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.”

Amyr Klink



À minha mãe, Nanci, carinho e força sem medidas.
Ao meu avô materno, Ubirajara Uchôa, o Mestre Bira, primeiro e
melhor contador de histórias que conheci.



AGRADECIMENTOS

À todos, conhecidos ou não, que compartilharam comigo cada linha deste livro. Mesmo quando não citados nominalmente, meus companheiros de viagem tiveram participação fundamental na construção destas histórias. Pelos olhares, sorrisos, idéias e ajuda, devo agradecer “pessoalmente” a Alex Maia Filho, Aline Cury, Andreza Cordeiro, Ariana Braga, Augusto Perrone, Bruno Portillo, Camila Sanches, Carolina Frantinel, “Chema” Duarte de Villa, Daniel Fernandes, Daniel Albuquerque, Davi Carneiro, Diego “Pelotas”, Emilia Galka, Eyke Paul Sprenger, Felipe “Pim” Oliveira, Fernando Aiello, Giovanni Gazzoli, Heiko Stullich, Heinz Lustig, Iolanda Vasile, Irene Bruschera, Jakub Pawlik, José Augusto Ribas, Juliana Rosso, Lais Fleischmann, Letícia Franco, Livia Nery, Maria Lúcia, Mariana Berti, Marta Jakab, Melina Baptistella, Natália Kühn, Ofélia Castro, Pauline Megevand, Pedro Tafuri, Rafael Albuquerque, Rafael Henriques, Rinah Souto, Sadaf Wahabzada, Sheila Cristófano, Victor Lopez Lopez, Victor Barbosa e Wagner Kosisck.

À minha família, minha avó Deinha e minhas irmãs, chatice e inspiração diárias.

À Ciça, paciência e confiança inesgotáveis.

À Malu Fontes, pelas cuidadosas dicas na finalização deste livro.

À Acúrsio Esteves, “Aluguel”, por bobagens e incentivo que nunca faltaram.

À Rafael Vasconcelos, o “Homem-pedra”, que apesar de não fazer nada, deixou todos os seus afazeres para finalizar este livro.

À “família Oficina”, pela participação direta na minha formação e na produção desta obra.



INTRODUÇÃO

No livro *Viagem a Portugal*, o romancista português José Saramago leva o leitor para um passeio por diversas regiões de sua terra natal, descrevendo, com tom pessoal e leveza, paisagens e cenários urbanos. No encerramento de sua obra, Saramago afirma que o fim de uma viagem é apenas o começo de outra, pois cada cenário pode ser revisto de maneira diferente e, além disso, as próprias pessoas mudam e podem encarar situações semelhantes de maneiras diversas. “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa”, conclui Saramago.

Em cima da possibilidade de eternizar pequenos momentos através da memória e da narrativa, surge *O Viajante Aprendiz*, uma coletânea de 20 crônicas-reportagens, todas ilustradas com fotos, que revelam situações vivenciadas durante dez meses de viagens pela Europa e pelo Marrocos, no norte da África. Algumas destas crônicas, na época em que foram produzidas, chegaram a ser publicadas em veículos impressos de Salvador e de Portugal, a exemplo da *Revista Metrópole* e do jornal *UMdicas*.

O Viajante Aprendiz não se prende a temas específicos, afinal, numa viagem, são os temas que nos escolhemos. No livro, existem impressões sobre grandes metrópoles, a exemplo de Londres, Paris e Barcelona, assim como narrativas de situações vivenciadas no interior de Espanha, Portugal e Marrocos. Viena é vista como cenário de uma grande festa do futebol, ao mesmo tempo em que a melancolia permeia a visita ao campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Religião, política, cultura e sociedade fundem-se em textos curtos, narrados por quem viu cada fato de perto.

A idéia de reunir o material em um livro nasceu da constatação de que havia um acervo relevante de textos que, juntos, podem proporcionar ao leitor algo diferente do que usualmente se encontra nos guias de

viagem. Sim, é importante dizer, desde já, que este livro não é um guia de viagem, afinal, não apresenta classificações qualitativas sobre roteiros, opções de hospedagem ou transporte, tampouco aponta possíveis atrações turísticas.

Cada texto é fruto de uma experiência empírica. É, antes de qualquer coisa, um conjunto de impressões. O objetivo não é dar dicas de passeio ou locais de visitação. Os textos nasceram de fatos que me chamaram a atenção, estando eu no contexto da viagem. O leitor pode concordar ou não com o meu ponto de vista, pois o compromisso da obra é a percepção de que durante uma viagem   possível se descobrir um mundo além do que está exposto nos roteiros turísticos, e é bom que cada um v  ver o que mais lhe toca a alma.

Os homens são eternamente movidos pela possibilidade de virar nas esquinas da vida e topar com o desconhecido. Portanto, viajar faz parte da natureza humana. Por prazer ou obrigação, todas as viagens estão atreladas   movimento,   deslocamento no mundo, à ideia de aventura. É neste ponto que se distingue o turista do viajante. O primeiro segue estritamente o que está posto nos guias. Escalas de estrelas e/ou cifras classificam restaurantes, hotéis, museus e monumentos. Para o turista, é suficiente uma rápida passada por cada local descrito no guia e a produção de algumas fotos. Não há fruic o. Não há inserção em cada ambiente visitado.

O viajante, por sua vez, constrói o seu momento - se d  a oportunidade de realizar trocas simbólicas com o local visitado. Busca, em cada ponto de interesse, relações com as suas origens. Deixa-se envolver pela atmosfera do espaço, observa a relação das pessoas com a sua comunidade e encontra alternativas de apreensão de momento. Percebe a importância de se aproximar de quem está em volta e desenha, por conta própria, o traçado de sua experiência. Aquela que vai reverberar para sempre como memória, lembrança e narrativa. Boa viagem!

Há sangue por baixo

Braga/Portugal, em 22.09.2007

Um toque no ombro e um “it’s a nice t-shirt. Bob is king” introduziu o assunto. O alemão de cavanhaque mal aparado, 1,90m, cabelo desgrenhado e voz rasgada veio até a mim no meio de uma festa no centro de Braga, em Portugal, simplesmente porque eu usava uma camisa com a estampa de Bob Marley, o rei do reggae, único estilo musical criado num país subdesenvolvido a agrupar f s em todo o planeta.

O alemão de nome Paul, ou qualquer coisa parecida com isso, perguntou se eu falava inglês, e, antes mesmo de ouvir a resposta, desembestou a expor idéias sobre Marley e a Jamaica, país que ele conheceu há dois anos atrás, sobre a desigualdade de direitos dos seres humanos, sobre seus estudos de Ciências Políticas na Alemanha e o prazer de estar em Portugal.

Da exposição do branquelo, absorvi no máximo 60%. Provavelmente ele absorveu menos ainda do meu medíocre inglês. Mas até que conseguimos estabelecer uma conexão e o fato é que ouvi algo interessante, o que me motivou a digitar as presentes mal traçadas a partir deste dispensável intróito.

De antemão, eu e o rapaz da terra de



CAPÍTULO 1

Goethe chegamos a um consenso de que é inexplicável o fato de Bob Marley ter desenvolvido sentidos poético e crítico social tão aguçados e, contraditoriamente, ter adorado Selassié, imperador etíope que é divindade para uns e genocida para outros.

A relativa decepção de Paul com Bob explica-se pelo fato de que ele tem grande admiração pelo povo do continente africano. O prazer ficou nítido em seus olhos quando eu disse que nasci em Salvador, explicando-lhe que nessa cidade vive a maior população de negros do mundo, fora da África. Então o gringo voltou a falar sobre o homem que cantou a igualdade e a paz, chegando a citar um trecho da canção *War*: “Until the color of a man’s skin is of no more significance than the color of his eyes, everywhere is war”.

Com isso, o gringo começou a apontar as pessoas em volta. Era uma festa de intercambistas, com gente do mundo inteiro, das mais diferentes etnias, todas reunidas no mesmo espaço e dividindo a mesma experiência. Questionou a falta de negros no extenso grupo de brasileiros presentes na festa, afirmando que o único “negro” era eu, deixando-me na obrigação de dizer que apesar de serem muitos, os negros no Brasil, historicamente, não têm as mesmas oportunidades dos “brancos”. Por fim, disparou algo parecido com: “não importa se alguém é branco, negro, amarelo, rosa, isso tudo é pele. O que há por baixo?” Eu acenei com a cabeça e respondi calado, mas ele externou: “Sangue. E o de todo mundo é igual, é vermelho.”

Agora chego ao fim do texto sem acrescentar nada de extraordinário, e talvez poucos tenham me acompanhado até aqui. É que o algo interessante citado na dispensável introdução veio apenas na conclusão do diálogo, quando Paul, meio bêbado e meio emocionado, disse, entre uma coisa e outra, que sua avó esteve presa num campo de concentração nazista por quase seis meses. Ele mencionou o nome, mas eu

precisaria morar na Alemanha pelo menos seis anos para compreendê-lo. Dos tais campos, lembro que somente no de Auschwitz, na Polônia, mais de 1 milhão de pessoas foram assassinadas, o que segue completamente na contramão do que cantou Bob Marley e do que defende Paul. Pois esse cara alto, falante, risonho, vindo diretamente da Alemanha, é quem bem sabe que por baixo, em todos nós, há sangue.



CAPÍTULO 2

You don't know me

Braga/Portugal, em 30.09.2007

Gaiato, atravessei o vasto Atlântico com a desculpa de que iria estudar jornalismo em Portugal. Literais, os portugueses levaram a sério. E o editor de um jornal universitário logo sentenciou: “Poderias fazer um texto de apresentação e falar sobre a sensação de estar cá em Portugal a estudar, pois não?”. Esta apresentação formal não estava nos planos. Mas, fazer o quê? Lá vai a minha carta:

No final da década de 1960, devido a Ditadura Militar que então castigava o Brasil, Caetano Veloso, compositor conhecido no mundo todo, exilou-se em Londres. Lá, gravou o disco *Transa*, no qual demonstrou abertura para as influências da sua nova realidade, sem deixar de lado as raízes baianas. Em *Transa*, numa canção com o sugestivo título de *You don't know me*, Caetano recorreu a Carlos Lyra e Vinícius de Moraes para apresentar-se cantando: “Nasci lá na Bahia, de mucama com feitor, meu pai dormia em cama, minha mãe no pisador”.

Agora, não estou em nenhum exílio, mas estou longe de casa, num lugar onde ninguém me conhece. Por isso, apresento-me: como Caetano, nasci lá na Bahia. Logo, sou filho de mucama com feitor. Filho da mistura. Da casa grande e da senzala,

do português que errou ao vestir o índio numa manhã de chuva e do índio que teria despido o português se fosse uma manhã de sol.

Então, passadas as formalidades, digo a que vim, mesmo sem ter muita certeza. Teoricamente, atravessei do Brasil a Portugal para estudar Jornalismo, o que seria de grande valor para o meu percurso académico e contaria bons pontos no currículo profissional. Agora percebo que isso é o que vale menos, alguns poucos *céntimos* pra dizer a verdade.

O maior aprendizado do intercâmbio não está nos manuais. Não cai na prova nem entra em boletins. O maior aprendizado é pra ser guardado num envelope, ou num baú imaginário, suspenso no ar, e carregado até o outono dos nossos dias. Tive um professor que dizia que a melhor coisa do mundo é “falar da vida em dó maior”, o que na Bahia pode ser traduzido como “jogar conversa fora”. Vivendo em Portugal, ouço pessoas falando da vida em dó maior, em si bemol, em lá com sétima. Ouço histórias da China, da Venezuela, da Espanha, da Polónia e claro, do Brasil. Conto-as também. Em mi. E vou socando tudo no baú.

Moro numa residência universitária repleta de brasileiros. Sinto-me em casa. As portas dos quartos estão sempre abertas, a refeição é coletiva, a alegria idem. Alguém pode ponderar que isso impede a aproximação com outras culturas. Pra quem nasceu no Brasil, nada impede a aproximação com outras culturas.

O chinês é arrastado pra comer picanha com feijão. No mesmo dia, bate na porta do quarto pra mostrar poesias de seu país traduzidas para o português e ensinar algo da cultura oriental. A italiana diz que os melhores professores de português são os brasileiros, porque lecionamos com o swing de Jorge Ben (Cuidado com o disco voador, tire essa escada daí). Ninguém precisa chamar o síndico. Já os portugueses dizem que os brasileiros falamos “brasileiro”, e não “português”. Eu argumento que a língua é viva e está em constante mutação, mas essa discussão vai longe

e é até engraçada. O espanhol nascido na Nicarágua diz que tem “fiesta en el cuerpo” - é brasileiro.

Assim, convivendo com “multicoloridos homens de multicoloridos cérebros”, abro-me para um novo mundo, ao tempo que aprofundo minhas raízes. Elas sustentam a jornada. Então, parafraseio Saramago e aviso aos portugueses que quiserem me conhecer: se puderes me olhar, vê. Se podes ver, repara, pois não? Now, you know me.

Histórias galegas

Braga/Portugal, em 10.10.2007

Sob uma lona preta erguida aparentemente de improviso, compartilho vinho artesanal e polvo aferventado, com bons companheiros. Estamos em La Corunha, na Galícia, e a tarde de outono é agradável. A região mais pobre da Espanha é também encantadora. Abriga um povo simpático, escondido em algumas vilas que parecem ter parado no tempo, ou que não se apressam em ver o tempo correndo ao redor.

Corunha tem a vibração do mar. Num dos seus principais pontos turísticos, a Torre de Hércules, as ondas arrebatam nas pedras enquanto os visitantes fazem pose para belas fotografias. Crianças correm soltas para todos os lados enquanto senhoras e senhores passeiam com tranquilidade. Pode ser mal de nascença, mas cidades à beira-mar parecem ser sempre mais alegres.

No centro histórico, a tal lona da taverna mambembe. Em grandes tonéis de ferro, mulheres bem velhas mergulham polvos inteiros em água fervente. Sem misteriosos segredos culinários, somente a espera adequada. Um gancho submerge e volta com a iguaria ainda inteira, que cortada em pequenos pedaços, é servida numa tábua única para todos na mesa. Um banquete. Pode ser mal de



CAPÍTULO 3

nascença, mas frutos do mar são sempre mais saborosos.

Tocamos viagem para o vilarejo de Padron, perto da famosa Santiago de Compostela, ponto final da trilha mais percorrida do mundo. Segundo os moradores, Padron foi o verdadeiro local onde viveu o apóstolo Tiago. Um deles nos leva a um local afastado, na zona rural, onde imensas pedras formam um desenho interessante e terminam construindo três fendas de tamanhos distintos. Na primeira, qualquer pessoa passa facilmente. Na segunda, espaço reduzido. Na última, quase nenhum.

Acrença é de que as fendas representam, de acordo com o grau de dificuldade que proporcionam ao cristão que ousa passar por elas, inferno, purgatório e céu. Com desenvoltura, passo pelas três, por isso acredito estar em paz com o plano superior. O morador de Padron conta que na época das homenagens à São Tiago, as pedras são procuradas por pessoas de todas as idades e tamanhos. Gostaria muito de ver a cena descrita por ele, quando citou gordinhos esfolando todo o corpo para vencer a fenda que garantiria a entrada no céu.

Entrar no céu é o que também deseja cada peregrino que percorre, a pé, centenas de quilômetros até chegar a Compostela. Alguns andam desde a França, outros de Portugal, outros mais da própria Espanha. Isso pouco importa. De frente para a catedral de Santiago, a vitória está estampada no rosto de cada um, mesmo nos de quem chegou de carro. A construção é tão impressionante quanto a energia de quem opta por se aventurar pela Galícia até Santiago, seja pela fervorosa crença no objetivo religioso seja pela meramente contemplativa, porém não menos importante crença na beleza do caminho.

A região mais pobre da Espanha é também encantadora, já escrevi. Reitero ainda que ali se encontram vilas e pessoas que parecem ter parado no tempo e que, no entanto, lutam por uma causa que comprovadamente transcende o tempo. Pelas estradas e histórias galegas, as placas da União Européia, com seus círculos de estrelas envolvendo o nome do país, tem o *España* cortado por um spray. Embaixo, a pichação marca o território: *Galiza*.

Vaca Profana

Barcelona/Espanha, em 24.10.2007

Vaca Profana é o nome de uma canção do compositor brasileiro Caetano Veloso. Com alusões a grandes cidades do planeta, principalmente Barcelona, ele pinta um quadro das metrópoles, que abrigam mundos diversos num único espaço e transformam o pensar das pessoas. Ali, as diferenças culturais são plenamente respeitadas, mas a luta pela sobrevivência é árdua. Quem ouve a música de Caetano percebe que Barcelona é a verdadeira Vaca Profana. É o sagrado para uns e é o que não passa de alimento ou fonte de renda para outros. É a cidade que encanta e atrai, assusta e repele. Vim conferir. Caetano reverberava na mente enquanto eu observava o muito. Agora, entra pelos ouvidos enquanto escrevo um pouco.

Quem caminha por Barcelona topa a cada minuto com algo surpreendente. São as casas de Gaudí, o impressionante templo da Sagrada Família, os museus com as mais variadas representações e o fabuloso Parque Guell. Mas também pode ser o húngaro que toca violino num beco deserto em troca de poucas moedas, os indianos que infringem as leis e vendem cerveja na rua, os pseudo-hippies que vagam meio sem destino, as prostitutas que se oferecem sem pudor em *La Rambla*.



CAPÍTULO 4

Aqui preciso dizer que aquela rua, uma das mais alardeadas da cidade, foi uma decepção. Não só pelas prostitutas, que só chegam à noite, mas também pela confusão que reina durante o dia. “Artistas” só faltam tocar fogo no próprio corpo para chamar a atenção dos turistas, repetindo fórmulas utilizadas em qualquer canto do universo. Penso que quem está ali quer ver coisas que só existem em Barcelona, e não o que pode ser visto no Japão, no Brasil ou na Groenlândia. O único benefício de *La Rambla* é que passando por ela chega-se ao porto. Fantástico. Um convite para que todos sentem e esperem o sol mergulhar no mar, hora em que o céu fica alaranjado e muda a cor de todas as “esculturas” da cidade. Sim, Barcelona é um museu a céu aberto. Entretanto, também é verdade, o museu está cheio de mendigos pelos “corredores”.

Uma romena que já viveu na Itália e na Inglaterra disse-me que dentre as grandes cidades da Europa, nenhuma oferece qualidade de vida igual à de Barcelona. Um estudante brasileiro, vivendo em Portugal, contou-me que aquela cidade é cosmopolita demais pra ele. Visitar, sempre; viver é outra história.

E eu? Eu não acho nada. Sou apenas um baiano emitindo superficiais opiniões sobre o que vi de passagem. Só sei que posso até ter me perdido no texto, mas em Barcelona ninguém se perde. Guia-se pela montanha para um lado. Segue-se o cheiro do Mediterrâneo para o outro. Cidade planejada, decorada por Gaudí, Barcelona é tímida e espalhafatosa, cantaria Caetano.

O que move o mundo

Braga/Portugal, em 17.11.2007

Na fria madrugada do outono português, o vento se faz ouvir. Carrega as folhas caídas, secas. Com ritmo intenso, dá vida ao que era morto, e as folhas flutuam ensaiadas, compassadas, tocando o chão em seguida e emitindo cortante som. É o balé das folhas. Esse era o cenário em 14 de novembro de 2007. No Brasil, ainda dia 13, outro balé merecia aplausos.

No Estádio Manoel Barradas, em Salvador, o Esporte Clube Vitória dançava o balé da bola, de ritmo acelerado, agora *ca den ci a do, voltaaacelerar* e pára. Cumprimenta o público. A arquibancada vestida de vermelho e preto vê seu time do coração garantindo o retorno à Série A do Campeonato Brasileiro. Na fria madrugada do outono português, trancado num quarto de residência universitária, maldizendo a conexão da internet que cortava a transmissão do jogo a cada instante, roendo unhas que já não existem, com uma taça cheia de vinho barato em punho, sentia o drama de torcer a distância. A vida gosta mesmo de pregar peças.

Eu, que desde menino vibro nas arquibancadas do Barradão, lá não estava naquele dia 13. Não estava porque me movi no mundo,



CAPÍTULO 5

e agora, vivendo em Portugal, tenho a plena certeza de que o futebol, apesar das várias formas de entretenimento apresentadas pela contemporaneidade, é o que move o mundo.

Viver como estudante em outro país é fazer parte de uma comunidade multifacetada, da qual cada integrante saiu de um lugar diferente do globo. Nesta situação, o único assunto que consegue alcançar a todos, é o futebol. Isso porque, como bem diz Eduardo Galeano, esse esporte é a única religião que não tem ateus. Qualquer um pode assistir às partidas no conforto do seu lar, sentado em frente à televisão, mas uma energia inexplicável move o torcedor para o estádio, para a missa pagã em que se pode ver as divindades em carne e osso. No gol, abraça-se o desconhecido ao lado. É um carnaval a cada jogo. É onde se pode esquecer do trabalho frustrado e do amor sem tesão.

Irene é uma italiana que obriga os brasileiros a assistirem às partidas da sua seleção. Quando a Azzurra marca, vibra sozinha, lançando-se no ar como as folhas do outono, sem se preocupar com os olhares em volta. O alemão Paul é fanático pelo Werder Bremen e acha Diego (ex-Santos) um jogador fora de série. Discordamos neste ponto, mas cada um pensa o que quiser. Fato é que o Bayern Munique vem jogar em Braga, cidade onde vivo, e mesmo sendo um rival do seu clube do peito, Paul vai assistir à partida. É um clube alemão, diz ele, tem que ser visto. Victor é mineiro, mas não fica quieto quando o Cruzeiro joga. Estende a bandeira azul no corredor da residência e deixa a rádio on-line no mais alto volume. Gol da Raposa e quase estouram as caixas de som. Se o Estrelado perde, melhor não chegar perto. Convidado para assistir o jogo entre Benfica e Milan em Lisboa, arrematou: “O problema não é gastar 40 euros no ingresso. O problema é que isso paga quase o Campeonato Mineiro todo”. Para jogar bola em Portugal, Rafael comprou um tênis vermelho e azul, as cores do Clube Náutico Marcílio Dias. “Hoje eu tenho que comemorar porque o

Marcílio ganhou o primeiro turno da Copa Santa Catarina, vencendo o Figueirense B no Gigantão das Avenidas”, disse ele certa vez. O Gigantão comporta 12 mil pessoas. Após o Liverpool aplicar a histórica goleada de 8 a 0 sobre o Besiktas, pela UEFA Champions, o turco Aytekin parecia ter perdido um ente querido. Então, o Besiktas enfrentou o time do Porto. Apesar de o seu time ter remotas chances de classificação e o ingresso custar um considerável punhado de euros, Aytekin foi ao estádio.

Exemplos assim são provas de que para o torcedor de futebol, o que mais vale não é ganhar ou perder. O que vale é o lúdico, a criação de espaço e tempo imaginários, onde há a eterna possibilidade de vitória. E de fazer parte da conquista. Ninguém diz que torce para esse ou aquele time. Diz-se eu *sou* Vitória, *sou* rubro-negro e *sou* 1ª divisão. Ou eu *sou* Cruzeiro, ou *sou* Besiktas. *Nós* ganhamos o jogo, e não o time. O juiz rouba a todos nós. Aborrece menos o adversário gozador do que o *sem-graça* que diz não entender porque tanto descontrola diante de um simples jogo. Na missa pagã, vale tudo, menos acabar com a ilusão do jogo.

Li, em algum lugar, que o futebol se parece muito com Deus, devido à devoção que desperta nos crentes e à desconfiança com que lhe veem muitos intelectuais. Chamam-no de ópio dos povos. Para os crentes, inebria mesmo; como uma droga. E se Deus realmente criou o mundo, nada melhor do algo parecido com Ele para mover sua criação. Além do mais, dizem que após seis dias de árduo trabalho para criar tudo que existe, Deus sentou pra descansar. Era sábado. Sentou pra ver futebol.



CAPÍTULO 6

A Europa que aborrece

Braga/Portugal, em 06.01.2008

Lembro que, em algum momento, logo que cruzei o vasto Atlântico, me aborreci muito com algumas coisas encontradas nesta banda do planeta. Saí do sério com a porosidade abominável das maçãs e a rigidez metálica do talo das bananas. Penei também com a impossibilidade de economizar, já que nas feiras de livros é possível achar grandes títulos por valores tão irrisórios que, se eu não os comprar, viverei com um peso na consciência pelo resto da vida.

Posto este quadro, um mais afoito pode disparar: “Ah Victor, você está é cheio de *leotrias*, vivendo em Portugal e reclamando da banana! Dê um tempo, né!”. Tudo bem, calo-me sem pestanejar.

Passam-se umas semanas e minha caixa de e-mails é invadida por um cardume de mensagens. Amigos, não sei se meus ou se da onça, descrevem com precisão machadiana a sensação de estar em um show de Jorge Ben em pleno Pelourinho. Ele, que há anos não colocava as fuças na Terra de Todos os Santos, apareceu bem quando eu estou do lado de cá do oceano e, celestial como quem parte em direção ao gol, cantou, de branco, de graça, pra todos que não suportam qualquer relação com pessoas de temperamento sórdido.

Analisando este prisma, um mais ponderado pode analisar: “Ah Victor, você não viu o show em Salvador, mas no mesmo final de semana foi passear em Lisboa, com direito a Benfica e Milan no Estádio da Luz!”. Sem réplica, deixo o aborrecimento seguir seu caminho, como um rio que passou em minha vida.

Os dias na Europa seguem, o frio aumenta. É aí que sento frente a esta maravilha da tecnologia que é o computador portátil para meu exercício diário de *emburrecimento*. Leio as notícias e descubro que no próximo dia onze do um, Paulinho da Viola, o tímido Paulinho, se apresentará no Teatro Castro Alves. Perco o prumo e, mesmo estando num gélido quarto, começo a suar.

A vida gosta mesmo de nos pregar peças. Viver na Europa faz mal e não acrescenta absolutamente nada na formação de ninguém. Eu quero é banana madura e Paulinho no TCA, seguido de uma cerveja gelada no Quintal!

Preocupado com os meus delírios, um mais arguto pode elucidar: “Ah Victor, você acabou de voltar da Itália, onde conheceu lugares fantásticos. Além do mais, já está com passagem comprada pro Marrocos, onde vai ver uma cultura completamente distinta. E está se aborrecendo por causa de um show em Salvador?”.

Tá legal, tá legal, eu aceito o argumento. Realmente esta experiência que agora vivo é única. Conhecendo gente do mundo todo, abrindo grandes portas para o futuro e...e não quero nem saber. Eu quero é banana madura e Paulinho no TCA, seguido de uma cerveja gelada no Quintal. A verdade que liberta é uma só: do lado de cá do oceano, toda a rapaziada está sentindo a falta do cavaco, do pandeiro e do tamborim.



CAPÍTULO 7

Os homens do Saara

ou

Aquilo que não se rouba

Mhamid/Marrocos, em 13.02.2008

Localizado no noroeste da África, o Marrocos é banhado pelo Oceano Atlântico e pelo Mar Mediterrâneo. Assim, o turista pode optar entre tomar um chá num café com “vista para a Espanha” ou banhar-se nas praias atlânticas. Quem gosta de mais emoção, pode excursionar pelas montanhas da Cordilheira do Atlas, Dobramento Moderno que perfura o país pelo meio e margeia o Deserto do Saara. E esse, o Saara, foi a minha opção de aventura.

Mas o que me conduz a escrever as presentes maltraçadas não é o fato de ter estado no Saara. Isso qualquer um pode (e se puder, deve). É só marcar com um guia, subir num jipe “todo terreno”, entrar no deserto, enterrar os pés nas dunas, montar no camelo e bater umas fotos. Serão histórias para uma vida.

O que me leva mesmo a calejar os dedos com essas palavras é que, querendo ou não, junto com poucos e bons amigos, tive uma experiência diferenciada no Saara, onde conheci seres humanos exemplares. Esqueçam os monumentos. Nada nas viagens

é mais importante do que conhecer seres humanos exemplares.

Sob um céu onde não cabem mais estrelas, os berberes cantam, iluminados somente pelas luzes do fogo e da lua. Versam sobre amor, companheirismo e sobre o deserto. Eles são homens do Saara. Ali nasceram e ali querem estar. Caminham a passos largos. Tratam dos dromedários e sorriem, porque não é preciso muito para sorrir.

Os homens do Saara têm mãos fortes, fala pausada e olhar sincero. Com o pouco que falam, dizem muito. Ensinam a entender o vento, as dunas e o sol. Explicam que para um verdadeiro nômade sobreviver nodeserto, ele precisa de nada mais do que chá e tâmaras. Somente a falta de chuva preocupa-os e faz com que eles abandonem sua “casa”, para agruparem-se em vilas.

Lahcen Alloud, berbere que recebeu a mim e a meus amigos com seu grupo, explica que os nômades do Saara Marroquino foram prejudicados com uma recente obra do Governo: a construção de uma represa nos arredores da cidade de Ouarzazate. Com isso, o rio Dadès não alcança mais o deserto, o que deixa a população nômade completamente dependente das irregulares chuvas.

Surge o óbvio questionamento: então os nômades são contra esse Governo do Marrocos? “Não. A represa tinha que ser construída porque as cidades estão crescendo. A população urbana precisa de água potável e eletricidade”, diz Lahcen, deixando no ar a dúvida se aquela resposta é reflexo de um completo afastamento das discussões políticas ou se é um consciente posicionamento de alteridade. “Quando chove, imediatamente, todas as famílias berberes voltam para o deserto, porque esse é nosso lugar”, conclui.

Alguns berberes, no entanto, não conseguem adaptar-se à vida nas vilas e relutam para sair do deserto, mesmo que por pouco tempo. É

o caso de Ami, irmão de Lahcen. Conheci sua tenda, montada por entre dunas baixas e algumas árvores secas. Ótima localização, segundo as palavras do próprio Ami: “Aqui eu estou a duas horas de um poço pra ‘lá’, a uma hora de um poço pro ‘outro lado’ e a três horas de um poço pra ‘lá’”. Não faço idéia do que isso quer dizer.

Caminhando pelo Saara com Lahcen, aprendi o significado de algumas palavras árabes, como *Bahia*, que pra eles quer dizer “Maravilhoso” ou “Fantástico”. Então eu disse que com aquelas palavras em árabe, ele já sabia como era a minha terra, tão fantástica quanto a dele. Daí, falei um pouco sobre a relação da Bahia com a África, da religião, dos escravos e terminei citando um poema que critica a escravidão, não lembro o autor, cujos versos dizem algo parecido com “Primeiro, me roubaram da África. Depois, roubaram a África de mim”. Foi quando Lahcen parou, respirou um pouco e adotando um outro ponto de vista para entender aquilo, disse: “Essa é uma frase forte mas...olhe em volta, Victor. Você está no Saara. Talvez nunca mais volte aqui. Mas você acha mesmo possível que roubem isso de você?”.

E só se ouviu o vento.

O que move o mundo

Rabat/Marrocos, em 16.02.2008

O campo de terra batida está encravado na Cordilheira do Atlas, cadeia de montanhas que se ergue bem no meio do Marrocos e divide o país entre Costa Atlântica e Deserto do Saara. Barreiras de pedra definem os limites laterais. As linhas de fundo são estabelecidas por quatro pedras maiores, duas de cada lado, que ao mesmo tempo determinam a medida da “trave”.

Naquele terreno, a uma temperatura aproximada de 12° C e com um vento que diminuía em muito a sensação térmica, meninos jogam futebol sem dar importância ao frio ou às regras do jogo. Onde está a bola, estão quase todos, numa disputa febril pelo objeto desejado. Até que um baixinho de camisa vermelha, mais lúcido, domina o balão de borracha pela direita e parte na diagonal em direção ao gol adversário. Dois defensores param em sua frente e ele empurra a pelota pra esquerda. O companheiro de amarelo mata e devolve em dois toques. Baixinho só precisa encostar o pé, pra que a bola ultrapasse as duas pedras e ele corra pra comemorar com os amigos.

Assisto à cena do alto de uma colina, fotografando tudo. É quando um marroquino passa sorrindo por mim e conclui o lance: “Il est très bon.



CAPÍTULO 8

Fantastique”.

Com aquela frase na cabeça, guardo a câmera e sigo me movendo no mundo, rumo ao Saara. No caminho, fecho os olhos e lembro.

Lembro de ver cafés e restaurantes lotados nas ruas de Marrakech. Atenções voltadas para a Copa Africana de Nações 2008, vencida pelo Egito. Mesmo com sua seleção sendo eliminada na primeira fase, os marroquinos acompanharam o torneio até a final, como se ainda disputassem o título. Prova de que o que vale mesmo é a ilusão do jogo, sem tanto crédito para a vitória ou para a derrota.

Também em Marrakech, conheci um vendedor de sucos chamado Simon. Em três dias, o jovem aparece com três camisas diferentes do Barcelona. Curioso, quer saber se os clientes brasileiros são jogadores profissionais. Para ver sua reação, inventamos que um de nós é um jogador em férias. Simon quer fotos ao lado do “craque”. Depois, surpreende ao sacar um celular de última geração e mostrar um vídeo onde Ronaldinho Gaúcho só falta fazer chover no deserto. As imagens, diz Simon, são preciosas.

Andar nas ruas de cidades marroquinas como Marrakech e Fès significa ser questionado a todo momento sobre sua origem. Os vendedores, artesãos ou encantadores de cobras querem sempre saber de onde chega o viajante. Se ouvem “Brasil” como resposta, é uma festa: “Ronaldo! Ronaldinho! Kaká!”. Todos, sem exceção, querem jogar com os brasileiros. Melhor, eles querem brincar com a bola como brincam os brasileiros. Afinal, é do Brasil que sai boa parte dos poucos exemplos ainda existentes de jogadores que jogam pelo prazer de jogar, e não pela lógica numérica. São aqueles que mandam às favas os padrões estatísticos e deixam florescer a liberdade criadora, o improvisado dos que atuam pela alegria de dar alegria.

Quando abro os olhos já estou em Mhamid, às portas do Saara,

quase na fronteira com a Argélia. No deserto, passo alguns dias com berberes, os nômades daquele território. Atualmente, devido à falta de água, muitos estão agrupados em vilas, em constante contato com o resto do mundo. É o caso de Rhamon, que diz amar três coisas: o deserto, os camelos e futebol. Enquanto caminhamos pela areia fofa e ele acaricia seu camelo, Rhamon me deixa assombrado ao fazer algo que eu não conseguiria: sem titubear um só instante, escala toda a Seleção Brasileira que enfrentou o Marrocos na fase de grupos da Copa do Mundo de 1998. Numerando a camisa de cada jogador, ele vai de Taffarel a Ronaldo.

Voltando do Saara, em Mhamid, encontro algumas crianças jogando bola num campo de areia, onde uma corda faz as vezes da barra horizontal das traves. Começo a fotografar e muitos não gostam. Digo que sou do Brasil e tudo muda. Cada um dá o melhor de si em campo. Eles não têm calçados e, infelizmente, também não têm muitos dentes. Todos estão bastante sujos, e não só por causa do jogo. Reparo que só um time tem uniforme. Questiono o “árbitro” sobre a falta de camisas para os demais. “Não tinha dinheiro pra comprar tantas camisas. Mas isso pouco importa, o que importa é que eles joguem e se divirtam”, diz Ahmed.

As crianças do deserto marroquino convidam-me para brincar com elas. Não posso. O ônibus que me moverá de volta ao mundo “civilizado” já vai partir. Mas antes, tenho tempo de ver um menino de cabeça raspada disputar, no alto, uma bola rifada por um companheiro. Na sobra, ganha na corrida do defensor e antes que o goleiro se dê conta, toca pro gol e sai fazendo festa. Então, aquela criança que nasceu no Saara e que tinha sido um dos mais contrários às minhas fotos, vira pra mim, sorri seu sorriso vazio porém cheio de vida e fala em Árabe algo que eu só posso decifrar como: “brasileiro, essa foi pra você!”.

Très bon, penso eu. Fantastique!



CAPÍTULO 9

Contradições da gente marroquina

(“Fé cega, faca amolada”)

Casablanca/Marrocos, em 18.02.2008

O céu ainda pertence às estrelas. Em pouco tempo, o sol começa a espreitar do horizonte. Daí, o ambiente será tomado por manchas alaranjadas e marrons. Resultam da fusão de impiedosos raios de sol e da poeira que o vento da manhã suspende no ar. Porém, nada disso já aconteceu. Por enquanto, o céu ainda pertence às estrelas.

Mas Mustafá já está desperto. Antes que o sol saia, ele deve realizar o ritual do *Sobh*, primeira das cinco orações que os muçulmanos fazem durante o dia, ajoelhados, virados pra Meca.

Mustafá leva o Islamismo a sério. Transmite com orgulho as idéias do Alcorão e afirma que as palavras de Maomé são definitivas e imutáveis. “Somos todos iguais. Foi o profeta quem disse. Não importa sua cor, sua origem ou se você tem dinheiro. Somos irmãos, e não fazemos mal aos nossos irmãos”, diz ele, durante uma conversa com brasileiros.

E aqueles que dizem matar em nome de Alá? “Eles não são muçulmanos verdadeiros. Eu sei que a forma como as notícias são transmitidas mancham a nossa imagem. Mas quem mata inocentes não sabe o que é o Islã. Não devemos

causar dor aos irmãos”, enfatiza Mustafá, homem magro, cujas expressões do rosto têm uma força que reveste de confiança a sua fala.

Sobre seu casamento, Mustafá conta que conhecia há algum tempo o pai da esposa, sendo mais fácil a “negociação” para ficar com aquela mulher. “É assim, nós escolhemos nossas esposas e acertamos tudo com o pai delas. O amor nasce depois, com o tempo”, explica. Eu não queria polemizar, mas o impulso foi mais forte: “Não é contraditório você dizer que todas as pessoas são iguais e depois afirmar que as mulheres muçulmanas não têm o direito de escolher o marido?”. Talvez sem perceber, Mustafá muda completamente cada marca de sua face e, misturando de maneira não linear o francês, o árabe e o inglês, só consegue dizer que isso é coerente porque os homens são mais fortes do que as mulheres. Vai entender.

Como Mustafá, também se diz muçulmano o dono de um bar dentro da medina de Fès, que se apresenta como o Snoop Dog marroquino. Nas Medinas, parte histórica das cidades árabes, cercada por muros, não é permitido o consumo de álcool. Mas Snoop Dog oferece cerveja aos viajantes. E bota Bob Marley pra embalar a conversa. De súbito, a música cessa. A atitude é em respeito ao *Al Maghreb*, quarta oração do dia, realizada no fim da tarde. Mas, ao menos para Snoop Dog, parar a música já é respeito suficiente. Enquanto só se ouve o som dos altofalantes que, espalhados pela rua, lançam uma enxurrada de palavras do Alcorão aos quatro ventos no momento de cada oração, o dono do bar oferece haxixe aos viajantes. Vai entender.

Difícil também de entender a atitude de um vendedor de produtos artesanais em uma vila próxima ao deserto do Saara, que se apresenta como muçulmano e que, em tese, não deveria querer prejudicar “os iguais”.

Inicialmente, bastante solícito, mostra belíssimos punhais árabes.

Então explica que as lâminas são feitas de forma que, próximo ao cabo, tenham uma espessura maior. Se por algum motivo, um árabe tiver que matar um amigo, ele enfia somente a parte uniforme do punhal; se for matar um inimigo, enfia tudo, incluindo a parte de maior espessura.

Após a didática explicação, o homem tenta cobrar 1200 dirhans por tapetes que, depois se descobriu, não custam 400. É óbvio que ele ficou falando sozinho com seus tapetes, mas do jeito que queira “enfiar a faca”, provavelmente me achou com cara de inimigo.

No entanto, o mais incrível é que, no fim das contas, vale a pena passar por tudo isso. Vejo como uma aventura antropológica. Vale até acordar assustado no meio da madrugada com os alto-falantes anunciando a Sobh. É nessa hora que se tem a certeza de que independente das atitudes dos homens, da sua fé e do que eles acreditem, o céu pertence somente às estrelas.

Enfatizando Conceitos

Braga/Portugal, em 08.04.2008

A verdade é que minhas experiências pessoais não interessam a ninguém.

Mas, também é verdade (por mais que muitos entortem a boca), o futebol interessa a todo mundo.

Quando a bola rola, já disse o filósofo, não tem jeito que dê jeito.

Hoje, oito do quatro do ano da Eurocopa Suíça/Áustria, na residência universitária onde vivo em Portugal, a história se repetiu.

Sala de convivência, duas TV's disponíveis. A disputa é árdua.

Um time quer ver a bola rolando no relvado bem aparado. As adversárias insistem nas repetitivas séries FOX, AXN e afins.

Mas não eram dois televisores?

O problema é que existem os que *precisamos* ver Steven Gerrard atuando para dormirmos em paz, com a esperança de que o mundo pode ser melhor um dia. E existem os turcos.

Em Liverpool, os *Reds* recebem o Arsenal para o terceiro enfreto das duas equipes em menos de uma semana. Em Londres, encarando o Chelsea, o Fenerbahçe tenta ser o primeiro time turco a chegar a uma semifinal da



UEFA Champions.

O que fazer?

Com carinho, promete-se às mulheres tudo que elas quiserem, desde que seja depois do jogo.

Sala liberada. Duas frentes de combate. Em uma, batalha doméstica entre os herdeiros dos Beatles e a tradição da capital do império. Na outra, o time treinado por Zico e capitaneado por Alex tenta restabelecer o poder de Constantinopla.

As equipes londrinas saem na frente. O Liverpool empata. Em Londres, o Fenerbahçe precisa de um gol para seguir adiante. Os turcos esperam o segundo tempo com a agonia estampada no rosto.

Liverpool vira. Classificação assegurada. Os chineses se esbaldam no sofá. Pressão turca em Londres. Gritos de homens e mulheres turcas em Portugal.

Chegam os retardatários. Sala de convivência lotada. Arsenal empata. Quem passa é ele. Sete minutos para o fim. Pressão turca em Londres. Egípcio, franceses e gregos apóiam os turcos. Os brasileiros *apoiamos* os turcos. A engenheira séria puxa os cabelos e morde a camisa. Berra a cada gol perdido. Zico berra na beira do campo.

Pênalti pro Liverpool. Cinco minutos para o fim. Gerrard não erra. *Reds* na frente. O “You will never walk alone” ecoa pela Europa. Pressão turca em Londres. O segurança abandona o posto. Ninguém vai invadir a residência. É noite de futebol.

Pressão turca em Londres. O Liverpool chega ao quarto. Caixaão lacrado. Três minutos para o fim. Turcos desesperados em Portugal. Pressão turca em Londres. Uma jogada. Gol do Chelsea. Caixaão lacrado.

O mestrando turco baixa a vista e deixa a caneca cair aos seus pés. A engenheira turca, sempre séria, suspira fundo e contem as lágrimas que se anunciam.

O segurança volta ao posto. Os chineses estão felizes. Os turcos não dão conversa. Egípcio e gregos discutem amenidades. As meninas estão de volta para ver as séries. Eu venho escrever essa ladainha.

Escrevo mesmo sabendo que minhas experiências pessoais não interessam a ninguém. Mas o futebol, esse não tem jeito, interessa a todo mundo.



CAPÍTULO 11

O que move o mundo

Londres/Inglaterra, em 15.04.2008

O dia é domingo, 13 de abril. Há quase um mês o inverno europeu foi embora, mas não avisaram aos deuses ingleses. Chove e faz frio. A manhã já se mostra há algum tempo e Liverpool ainda não despertou. Movimentação somente no *Albert Dock*, em frente ao museu dos Beatles, que moveram o mundo da música como talvez ninguém volte a mover, e gente de toda parte do mundo se move até Liverpool para ver o legado daqueles quatro rapazes.

Até que um grupo bem heterogêneo começa a juntar-se num café ao lado do museu. Adultos conduzem pequenas crianças. Os jovens têm olhar altivo. Mulheres circulam à vontade. Alguns são bastante velhos, outros um tanto quanto tímidos. Todos cantam. Trajando vermelho, cantam que nunca vão deixar o seu amor caminhar sozinho. Cantam para o *Liverpool Football Club*.

A manhã do domingo corre a passos largos e as ruas de Liverpool ganham vida. Vida vermelha. De todas as direções surgem pessoas que andam pelo centro da cidade esperando o momento de partir para o *Anfield Stadium*, onde os *Reds* enfrentariam o Blackburn num jogo sem grande valia. Pelo comportamento dos torcedores, parecia

valer o título. A loja oficial do clube está lotada. Crianças perdem-se em meio a camisas feitas especialmente para elas, bichos de pelúcia, chaveiros e quebra-cabeças com imagens dos ídolos. Um pai espera que os dois filhos, um de cinco e um de três anos, escolham o que querem levar. Questionado se torcer pelo Liverpool foi iniciativa dos pequenos ou teve sua influência, responde com outra pergunta: “Tive alguma participação, sim, mas seja sincero, jovem, há algum outro time melhor pra se torcer no mundo?”.

Este é também o pensamento dos amigos Yan e Mardi, um japonês e o outro indiano. Moradores de Londres, reservam os finais de semana para acompanhar o Liverpool em qualquer cidade da Inglaterra. Não seria mais fácil torcer por uma equipe londrina? “Até que sim, mas nenhum time de Londres tem Gerrard, que joga com paixão, e nenhuma torcida ama seu time como essa”, rebate o sorridente Mardi.

A 50 quilômetros dali, o que move o mundo de Manchester são as indústrias e as universidades. E naquele domingo, o futebol. O Manchester United, líder do campeonato mais rico do mundo, recebe o Arsenal, que então alimentava esperanças de ser campeão. Esquema especial de segurança nos arredores do estádio *Old Trafford*. Toda atenção para um dos maiores clássicos do planeta.

A multidão chega aos poucos. Solitários berros de incentivo dão gradativamente lugar a um coro ensurdecidor. Torcedores do Manchester riem à toa. Seu time joga o futebol mais consistente da Europa e tem o favorito a melhor jogador da temporada. O português é versado nos gritos de guerra, na onda que eles chamam de *Ronaldo Fever*.

Sem ingresso, assisto ao jogo num pub abarrotado de *Red Devils*. O único que apóia o Arsenal é um senhor com seus 70 anos, acompanhado pela esposa. Torce discretamente, pra não dar na vista dos rivais. No intervalo, ousou perguntar por que ele foi torcer num bar onde só estavam

torcedores do Manchester. “Assisto a todas as partidas do Arsenal nesse bar. Hoje não ia ser diferente. Esses meninos têm que me respeitar, pois eu já vi mais futebol do que todos eles juntos”, diz sorrindo.

Arsenal na frente na casa do adversário. Só o velhinho está feliz, mas nem pode vibrar tanto. Pênalti para o Manchester, Cristiano Ronaldo na bola. Gol. O juiz manda repetir e um copo de cerveja vai ao chão. Segunda cobrança. Gol. Muita cerveja vai pro ar.

Os torcedores ensaiam um tímido canto dentro do pub. Ronaldo joga pra torcida no *Old Trafford* e os ingleses vão à loucura fora do estádio. Virada dos *Red Devils* e o pub é uma festa completa. Rodada de cerveja pra todo mundo. O título é cada vez mais palpável.

Fim de jogo, tenho que me mover de volta pra Londres. No balcão, uma última cerveja pra rever os gols e sentir a atmosfera de felicidade. Martin comanda aquele pub há 30 anos. Ninguém teria mais credibilidade para concluir essa história. Dentre outras coisas, pergunto se é sempre daquele jeito, em dia de jogo. Usando uma pequena toalha preta com o escudo do Manchester bordado, o senhor de pele rosada enxuga a testa. “Você veio do Brasil até aqui para ver isso”, diz o inglês de olhos esbugalhados. “É domingo de futebol e vale o título” - prossegue Martin, após tossir forte e respirar fundo – “imaginava que poderia ser diferente?”.

O universo no balcão de um pub

Braga/ Portugal, em 24.04.2008

A loja do indiano funciona 24 horas. Lanchonetes brasileiras lucram com açaí e coxinha de galinha. Restaurantes chineses são opções baratas. Africanos vendem bolsas falsificadas. O executivo com cara de nórdico lê Vargas Llosa no metrô. Tudo isto está em Londres.

A capital da Inglaterra é a maior cidade da Europa. Atrai turistas e sonhadores do mundo inteiro. A qualquer hora do dia ou da noite, as ruas centrais estão movimentadas, as opções culturais são amplas e os serviços funcionam com precisão britânica, com o perdão da obviedade.

Em verdade, não procurei acarajé pelas ruas de Londres, mas duvido que não encontrasse, após um criterioso garimpo, ainda que congelado em pacotes de seis unidades. Lá, tudo há. Transita-se do local ao global a cada passo e o visitante perde-se em meio a tantos sotaques. É uma colcha de retalhos cultural, talvez por isso mesmo, vigiada incessantemente.

Cada movimento nas zonas públicas é registrado por incontáveis câmeras. O governo faz campanha maciça do seu programa de policiamento voluntário, em que cidadãos comuns dedicam o tempo livre a tomar conta da cidade.



Outra publicidade fala em sete milhões de olhos vigiando quem viaja ao lado no metrô. Existe um canal direto para denunciar qualquer atitude suspeita. O medo do terrorismo banuiu quase completamente as lixeiras das ruas. São depósitos de bombas, justificam.

Fato mesmo é que o Big Ben ainda está de pé. A Tower Bridge também. A troca da guarda real acontece todos os dias sob o olhar de uma multidão de turistas desavisados, como este que escreve, pois nada conseguem ver. Os parques urbanos são aquários de tranquilidade e a brisa do Tamisa não agrada mais porque é gélida, de torcer a espinha. Porém, nada disso importa.

Importa que os que restaram dos punks podem andar sem que ninguém olhe atravessado para uma figura de moicano azul e 58 furos no rosto. Importa que os que ainda se dizem hippies podem dedilhar Lennon sem importunos. Importa que os amantes da nova música eletrônica, com todas as vertentes do *trance* que não sei onde vai parar, sentem-se contemplados ao lado dos punks e hippies. Como se sente contemplada a muçulmana que, de longe, era somente uma emigrante árabe com seu lenço cobrindo a cabeça, passeando no British Museum com os dois filhos. De perto, era uma muçulmana com um brilhante *piercing* de pedra no nariz. O lenço da cabeça, prendia com uma presilha *Nike*.

Caetano cantou procurar discos voadores em Londres. Gil cantou o verde tão lindo dos gramados campos daqui. Eu fiquei um tempo demasiado curto pra cantar algo. Pra definir Londres, prefiro a ideia de um jovem estudante, guia turístico nas horas vagas. Não o conheci, mas um amigo fez um *tour* com o dito cujo, que no final do passeio, tirou o pigarro da garganta, olhou para as meninas em volta e mandou: “Agora eu acho que vocês têm que tirar uma foto comigo, porque essa é uma oportunidade rara. Eu estudo e trabalho em Londres. E diferentemente de todos que vocês encontrarão, eu nasci aqui”.

Os desassossegos de quem ri por último

Braga/Portugal, em 07.05.2008

A realidade é espinhosa. Longe, um Atlântico de distância, não aplaudi *in loco* mais um título do Leão da Barra, rei do Santuário Ecológico Parque Sócio-ambiental de Canabrava, região bucólica da Cidade da Bahia. Lá, e somente lá, a verde relva do Estádio Manoel Barradas já acolheu bailarinos da bola do quilate de Junior Touché, Elói, Dão (“não tem perdão, é bola no cordão”) e o inesquecível Renato Martins.

A realidade é espinhosa. Longe, um Atlântico de distância, preferi não comentar a mais recente conquista tomado pelo furor da(o) Vitória. Esperei que a poeira baixasse e que as taças de Porto deixassem meu corpo. Agora, detentor de todas as faculdades mentais e das notícias que inundaram as ruas de Salvador depois da última conquista, calejo os dedos com algumas palavras.

Noves fora o fato de o título vir na última partida, pelo critério de gols marcados, torcer a distância é algo que eu só desejaria ao pior dos meus inimigos. Mais devastador do que isso, só torcer a distância dependendo da Igreja Universal do Reino de Deus. E explico.

Em Portugal, na residência universitária onde vim parar, temos acesso à tal Record



Internacional, emissora que transmite o único torneio do mundo que pode ser comparado à *Premier League* inglesa, em termos de qualidade técnica e infra-estrutura de estádios. Não hesite. Como já disse, a alternativa é única. Estou falando mesmo do brilhante Campeonato Baiano de Futebol.

Pois (sussuram os portugas com alguns ovos na boca), a TV do bispo leva o Baianão a lares nas províncias mais distantes do planeta, com um porém: a transmissão tem 30 minutos de defasagem. Ou seja, o otário aqui tem que ficar ligado no computador pra saber, ao vivo, o que de fato ocorre no certame da Boa Terra. Depois, corre pra frente da televisão pra ver cenas já construídas no plano das ideias. É uma espécie de *Deja Vu* pós-moderno que só a Record pode proporcionar aos crentes.

E a respeito da transmissão, paro por aqui. A preguiça impede que eu descreva o sofrimento que brota do fundo da alma quando ouço os comentários de Raimundo Varela.

Quanto aos adversários, que valorizaram o título rubro-negro ao, enfim, disputarem até a última rodada, cada um que cuide das suas dores da forma mais conveniente. Eles vão dizer que o regulamento foi injusto. Vão dizer que o ex-time deles fez a melhor campanha. Vão dizer que ganharam três dos quatro clássicos do ano. Vão dizer até que os resultados foram arranjados. Que digam. Há anos eles choram, inundam as ruas e causam engarrafamentos, sem qualquer resultado.

Com certeza eles não vão comentar as imagens captadas pela ESPN Brasil (é claro que as poderosas e imparciais TV's locais não têm, ou não veicularam tais imagens), onde torcedores do ex-quadrão de aço pedem que o elenco entregue o jogo contra o Vitória da Conquista, dado que com o resultado do Esporte Clube Vitória diante do Itabuna, naquele momento, o título estava muito longe da prateleira deles.

Fomos campeões através do número de gols marcados? Fomos.

Esse era o regulamento. O que sei é que, de longe, com minhas taças de vinho barato, lutando contra as bemfeitorias da Record e, como sempre, roendo as unhas que já nem existem, eu ri por último. E não foi porque não entendi a piada.



Sobre dores e goladas crônicas

Braga/Portugal, em 16.05.2008

Então eu fui surpreendido com um e-mail de Juliana Kalid, grande amiga que, para um trabalho acadêmico, pedia uma crônica sobre minha relação com a cerveja na Europa. A surpresa não reside em ter que discorrer sobre tão querida matéria. A surpresa está em alguém pedir uma crônica a mim, que de crônica, só entendo da dor no calcanhar esquerdo que me acompanha há anos.

Porém, perseverante, tento. Daí, lembro do primeiro gole que tomei após cruzar o Atlântico: *Super Bock*, marca portuguesa. Ali, redefini conceitos para me adequar à nova vida. A cerveja europeia tem mais álcool e por aqui se bebe, majoritariamente, cerveja tipo *Ale*, ou variações do tipo *Lager* com algumas diferenças em relação à *Lager Pilsen*, de maior consumo no Brasil.

Caberia uma explicação sobre a diversidade do processo químico de produção e fermentação de tantos tipos de cerveja, mas minhas notas de Química sempre foram péssimas, e o Google está aí é pra isso mesmo. Foco essa ladainha no ritual da mesa de bar, o melhor lugar do universo para se jogar conversa fora.

Existem algumas diferenças básicas entre “beber” no Brasil e na Europa. Pra quem nasceu

nos trópicos, talvez a mais marcante seja a temperatura, do ambiente e do precioso líquido. Não importa quão frio esteja, brasileiro gosta de cerveja gelada. Europeus contentam-se com a temperatura *cházica*.

Pior do que isso, só o fato de que no Velho Mundo é impossível tomar alguns goles petiscando o que deve obrigatoriamente ser petiscado com cerveja: carne do sol com aipim, caranguejo, camarão ao alho e óleo e acarajé cortadinho com vatapá, dentre outras iguarias que tanto fazem falta nessa banda do planeta.

Não importa se estudante quebrado ou membro do Parlamento Europeu de Bruxelas, quem sentar numa mesa de bar na Europa, na praia, na montanha ou na cidade, dificilmente achará algo diferente de um sanduíche de frango ou um misto quente. É o fim do mundo.

Mas esses empresários sem visão empreendedora ganham o que merecem. Pelo menos eu e meus amigos fazemos nossa parte na tarefa de transformar a Europa num lugar melhor pra se viver. Em cada bar que sentamos, a primeira ação é avaliar as formas viáveis de sair dali com a maior quantidade possível de copos. E assim, já não sei como levarei tantos no meu retorno para o Brasil.

Fato é que quanto mais saborosa a cerveja, mais legal é o copo, o que nos leva à velha discussão sobre a melhor cerveja do mundo, muito comum na Europa. As belgas *Stella Artois* e *Leffe* e a irlandesa *Guinness* são referências recorrentes. Todas ótimas, atesto. Mas na minha humilde opinião, um barril de cada uma dessas não vale uma tulipa das alemãs *Erdinger* e *Franziskaner*, ambas de trigo. Sabor e textura inigualáveis. E o copo *Erdinger* é o mais legal da minha prateleira.

Porém, como estudante quebrado, não é todo dia que posso degustar em tão alto nível. O normal é cair pra dentro da já citada *Super Bock* ou da também portuguesa *Sagres*, que não deixam a desejar. Quando muito, invisto em *Carlsberg*, dinamarquesa que, além de muito boa, me

faz sonhar com suas promoções de levar um vivente à final da Eurocopa 2008.

Na categoria “Goles em Trânsito”, destaque para a suavidade da espanhola *Estrella Galicia*, (a)provada em Santiago de Compostela. Na Itália, pizza de *prosciutto crudo* casa perfeitamente com a *birra*. De frente pro mar do Algarve português, um brinde com a nacional *Tagus*, que não tem nada demais, mas valeu pelo ambiente. Ainda no Algarve, algo da já conhecida mexicana *Corona*, que com um limão no gargalo, tem o seu lugar. Visitando a Terra da Rainha, muito da australiana *Foster's*, a mais barata nas lojas de indianos. E lá, claro, de pub em pub, é impossível que eu lembre todos os experimentos. Consigo citar a famosa *Budweiser*, tcheca, além das britânicas *Carling* e *John Smiths*, a primeira bem encorpada, a segunda um tanto quanto ácida.

Não tive o fermentado prazer, mas um amigo descreveu sua visita à fábrica da *Guinness*, em Dublin, com o mesmo brilho no olhar do garoto Charlie ao entrar na fábrica de Willy Wonka. Para breve, planejo uma viagem em que pretendo passar por Amsterdam e Praga. A República Tcheca tem o maior consumo do planeta de litros de cerveja por habitante e é lá que está a região da Boêmia, onde se produz a melhor cevada do mundo. Ou seja, sendo Praga bonita ou não, estarei satisfeito. Quanto a Amsterdam, expectativa pela visita à fábrica da *Heineken*, além, é claro, do contexto *Amsterdânico*.

Por fim, após tanta prosopopéia, me raciocino todo e concluo que na Europa podem até estar as melhores cervejas do mundo, mas nada se compara a “tomar uma” na Bahia. É onde posso encher o peito e dizer em bom tom: “Ô, Vitória (ou as variantes “Minha Pedra”, “Minha Corrente”, “Grande” e “Sacanagem”), traga aquela que você guardou pra tomar depois que fechar. Cu de foca, meu pai!”. Então, tomo alguns goles enquanto petisco um acarajé cortadinho com vatapá, vendo o sol mergulhar na Baía. Ah, “e se calhar”, diriam os portugas, com um grande amor massageando meu calcanhar.

Sem sombras ou tato

Braga/Portugal, em 18.05.2008

Anunciava-se o natal de 2007 e minha coroa pediu que eu escrevesse algo sobre “agradecimento”, para que ela enviasse aos amigos no seu cartão de felicitações. Derrapando, escrevi. E já o fiz sabendo que teria que voltar ao tema para a Trezena de Santo Antônio 2008. “Uma versão estendida”, dizia Dona Nanci.

Início o presente texto com tal explicação somente para confessar que desde janeiro procuro palavras para a versão “plus” do “agradecimento”. Necas! É muito difícil escrever sobre algo que não se pode ver ou cheirar. É como o Aureliano de García Márquez, que antes de virar um coronel de guerrilha na luta pela causa liberal, não entendia como os seres humanos chegam a fazer uma guerra por coisas que não se pode tocar com as mãos.

Dia desses, perambulando por estreitas vielas portuguesas, vi uma senhora oferecendo um pão a um pedinte. Ele mordeu e mal a mulher deu as costas, cuspiu. Foi sua forma de agradecer.

Por outro lado, há alguns meses, topei com crianças marroquinas no meio do deserto do Saara. Todas muito sujas, uma pena. Eufóricas, querem qualquer coisa dos visitantes. O máximo que pude fazer foi tirar fotos. “Shukran”, em árabe, quer



dizer “obrigado”. Não ouvi isso das crianças, mas o olhar agradeceu por elas.

Aprendi com Dona Nanci a agradecer, mesmo que em pensamento, pela sorte de encontrar seres humanos exemplares nas minhas trilhas. De que valem as vitórias sem alguém para compartilhar cada conquista? Mesmo que a troca seja só com um sorriso. Mesmo que ninguém veja aquele sorriso.

Aprendi que estamos todos protegidos por uma energia qualquer que paira por aí. Agradeço a proteção. Aprendi a sonhar e a pisar com firmeza. A falar alto e calar muito. Todos agradecem por um pouco de silêncio. Aprendi a tatear paredes e a andar no mundo. Apreendi o mundo. Agradeço por tudo isso. Ainda há muito que aprender. Talvez haja mais a agradecer. Não sei.

Só sei que vivo num mundo cheio de guerras feitas por causas que não se pode tocar com as mãos. No meio de uma dessas guerras, um personagem de Mia Couto, velho, conta ter vivido num tempo em que o amor era uma coisa perigosa. “Tu”, diz o mesmo velho a um jovem, “vives num tempo em que o amor é uma coisa estúpida.”. Admito minha estupidez. Agradeço pelo amor.

E sigo assim, pra ver o que acontece. Como o feijão de Ogum e caminho agradecendo a Santo Antonio pela caminhada, na espera de algum dia encontrar forma melhor de falar sobre coisas que não se pode ver ou cheirar. Por enquanto, ainda prefiro as palavras do natal passado:

Alguns agradecem por cifras contabilizadas

Outros agradecem por prêmios recebidos

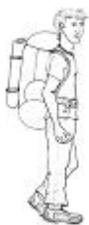
Há os que agradecem por notas conferidas

E os que o fazem por prendas ofertadas

Muitos nunca agradeceram

Outros tantos agradecem demais

Existem aqueles que só usam sorrisos
Existem também os que redigem tratados
Agradecer pelo alimento é previsível
Pela paz é necessário
Pescadores agradecem pelo céu límpido
Sertanejos pela chuva exata
E tem os que agradecem por oportunidades
Intocáveis e invisíveis
Que não têm cheiro ou sabor
Guardadas numa caixa imaginária
Transmutadas em vitórias alcançadas
Isso é que todos merecem
Ao fim
Todos agradecem



Por que o Axé vai dominar o mundo

Lisboa/Portugal, em 31.05.2008

A tarde em Lisboa é nublada. O sol da primavera lusitana não consegue mostrar sua força. Prevalece o vento do Tejo, sempre cortante. Após uma semana de tempestades em todas as regiões de Portugal, os organizadores do *Rock in Rio* não contam com o tempo desejado, mas já agradecem por uma trégua. A chuva parece não ter a intenção de chegar.

O clima muda quando Ivete Sangalo entra no palco principal. Sem rodeios, a baiana executa canção após canção. O público não consegue se manter imparcial à presença de Ivete. E a fusão do Samba-reggae com o frevo agalopado, alquimia da Bahia, batizada *Axé Music*, prova mais uma vez, agora no além-mar, que tem potência para pegar na multidão.

Ivete não pára um só minuto. Toca guitarra, acompanha os bailarinos enquanto canta, desce do palco e corre em meio à platéia. Perder o tom nem pensar, ainda mais com o suporte da sua excelente banda, que apresenta ao mundo a percussão marcante dos terreiros de candomblé em perfeita sintonia com os agudos dos metais. Tudo isso arquitetado pelo maestro Letieres, que sabe (muito bem) o que faz - a Rumpilezz Orkestra está aí pra não me deixar mentir.

E eu, que nunca fui fã fervoroso do tal Axé, porém nascido e bem crescido na Boa Terra, entro fácil no embalo de Ivete. Todos entram. No meio do público, um australiano, com cara de caçador de crocodilos – cavanhaque, colete cargo e chapéu safári – não entendia patavinas do show, mas admitiu: “A energia dela é fantástica”. E as 90 mil pessoas presentes se rendem à energia do carnaval de Salvador.

A noite cai sobre o Tejo e com muito atraso, já sob as vaias dos mais impacientes, chega ao palco a maior atração do evento para grande parte do público: Amy Winehouse, única britânica da história a arrebatar cinco Grammys em uma só noite, na última edição da premiação.

O álbum contemplado, *Back to Black*, merece todas as honras. Recheado com o que o mercado estadunidense chama, genericamente, de *rhythm and blues*, tem pitadas exatas de reggae, funk e soul. Sem falar da voz de Winehouse: variação tonal para preencher qualquer vazio.

Antes de mais, é preciso dizer que até o dia do show ninguém em Portugal sabia se a cantora apareceria. Tomada pelas drogas e constantemente envolvida com agressões físicas, presa vez ou outra, a presença da inglesa no *Rock in Rio* era uma incógnita. Mas ela apareceu. E aí, no palco... Bem, no palco... Em um estado de embriaguez que impedia a realização de mínimas ações, como colocar o microfone no pedestal, Amy Winehouse deixa sua *Big Band* visivelmente desconcertada. Instrumentistas e *backing vocals*, todos de primeira linha, levam o show nas costas. Um dos cantores chega a assumir a voz principal em diversos momentos. A banda, infelizmente, não tem nem espaço pra mostrar todo o potencial, porque a cantora não consegue acompanhar.

Rouca, praticamente afônica, Winehouse é quase inaudível. Magra, aparentemente doente e visivelmente entorpecida, cambaleia frente ao público. “Deprimente” foi a palavra que mais se ouviu na plateia durante sua apresentação. Até as meninas fantasiadas de Amy, com óculos

escuros sem mais tamanho ultrapassando os limites do rosto e penteados *verticalizados*, não conseguem esconder a decepção. Tímidos coros chegam a pedir a volta de Ivete, ou a entrada da atração seguinte, Lenny Kravitz (um espetáculo a parte, o qual não tenho potencial suficiente pra descrever). E após 50 minutos, Amy deixa o palco, melancólica.

No dia seguinte, um jornal português estampa: “Kravitz e Ivete ofuscam Winehouse na 1ª noite do *Rock in Rio Lisboa*”. Roberta Medina, vice-presidente do *Rock in Rio*, em entrevista ao site oficial do evento, é sincera: “Ivete botou todo mundo pro alto. Já Amy estava...o que eu desejo do fundo do coração é que a emoção do público desperte nela outra posição. Porque é um talento incrível, sua banda é incrível, grandes músicos, mas ela de fato estava “um pouco” prejudicada”.

A questão aqui não é comparar as duas cantoras. São vozes diferentes. São conceitos musicais diferentes. A questão é ver como cada uma trabalha sua imagem e vende seu produto, a voz. Ivete Sangalo e Amy Winehouse são artistas de milhões de dólares, mas enquanto a primeira dá passos cada vez mais largos na carreira, a segunda talvez nem tenha tanto tempo mais de vida. Pobrememente parafraseando, Ivete segue abalando com sua mistura de tambor, violino e agogô que não deixa ninguém parado. Na única tentativa de entrar no ritmo da banda, Winehouse arrisca uns passos de reggae e cai no palco do *Rock in Rio Lisboa*.

É por causa de exemplos como este que eu olho o Tejo e com a brisa no rosto me raciocino todo. Talvez seja exagero, talvez não, mas cá com meus botões, ousa dizer que nessa toada, o tal *Axé*, alquimia da Bahia, ainda vai dominar o mundo.

A Paris que eu vejo

Braga/Portugal, em 08.06.2008

Estou sentado de frente para uma fonte do Jardim de Luxemburgo, no centro de Paris, quando um grupo de oito japoneses estaciona na minha vista. Pelas minhas contas, tiram 348 fotos iguais em menos de dois minutos, numa rotação frenética de câmeras de última geração.

Os *japas* seguem seu caminho, e então consigo ver crianças brincando com pequenos barcos de madeira no lago em volta da fonte. A técnica é simples: colocar o barquinho na água, empurrar com um pedaço de pau e correr em volta da fonte acompanhando o percurso da miniatura, enquanto se soltam estridentes gargalhadas. Aquelas crianças poderiam estar em frente a um aparelho eletrônico qualquer de última geração, mas preferem o jardim e os barquinhos. E eu prefiro vê-las brincando, a ver japoneses tirando fotos sem nem parar para observar a olho nu o que estão registrando.

Agora caminho pelo *Champ de Mars*, um vasto campo gramado que conduz até ao pé da Torre Eiffel. Ali, centenas de crianças, acompanhadas por auxiliares escolares, lancham tranquilas e sorriem com sinceridade. Os mais ativos pegam os sanduíches dos tímidos e saem correndo, só para perturbar - eu fazia isso. As meninas sentam



juntas e não dão vez aos gaiatos, que fazem poses esdrúxulas e caretas para as fotos. O certo é que nenhum deles dá bola para o fato de logo adiante estar o monumento mais visitado do mundo. Turistas de todo canto cansam as pernas em filas intermináveis, para subir na torre, sem perceber que a verdadeira beleza podia ser vista embaixo e não de cima.

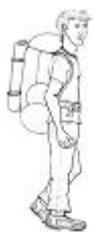
Continuo caminhando e chego ao Trocadêro, de onde posso ver a Eiffel por inteira, sem filas e sem prédios empresariais na frente. Um casal norueguês pede que eu faça uma foto sua com as filhas pequenas, a torre ao fundo. As meninas estão alegres e eu fotografo, mas elas querem sair logo dos braços dos pais. O objetivo é descer escorregando, quantas vezes for possível, uma rampa de menos de dois metros - o acesso para deficientes físicos - que vira parque de diversões.

Já no Jardim de Tuileries, a 300 metros do excessivo acervo do Museu do Louvre, topo com aquilo que considero a maior obra-prima da humanidade: crianças jogando futebol sem compromisso. Alguns são bem brancos, uns algo árabes e outros muito negros. Os negros têm maior intimidade com a bola e controlam a pelota com mais destreza que os brancos. Esses ocupam o espaço de jogo de forma mais equilibrada. E assim, sem tática ou muitas regras, cada um com seus méritos, eles brincam com liberdade e fazem o jogo da bola em pé de igualdade. Oxalá descubram cedo a fraternidade.

Vendo aqueles meninos jogando, lembrei de uma ladainha que escrevi algum dia, com uma ideia de plano para o futuro. Consistia em, diariamente, quando o sol começasse a baixar e o céu avermelhasse, ficar sentado num campo gramado na companhia de dois ou três grandes amigos e um grande amor. Naquele campo, várias crianças se reuniam para jogar bola, empinar pipa, pular elástico, brincar de amarelinha, enfim, para fazer todo tipo de coisa que toda criança deveria fazer o tempo todo durante toda a infância. O problema é que ao final do campo existiria um enorme precipício, daqueles que não se vê o fundo e quem tenta olhar lá pra baixo, perde o prumo. Então eu ia ficar ali, só observando as crianças

brincarem. Quando alguma, mais desatenta, se aproximasse do precipício, um dos “grandes” iria detê-la, dar um sopro no umbigo, uma mordida na bochecha e mandá-la de volta pra brincadeira. Pois, era o que eu ia fazer diariamente.

Depois de escrever aquilo, andei muito, conheci pessoas e lugares. Assim, já *encuquei* com diversas outras possibilidades de plano para a vida futura. No entanto, em verdade digo: poucas delas me dariam tanto prazer quanto aquela antiga idéia. E *C`est fini*.



O que move o mundo

Viena/Áustria, em 29.06.2008

Quando o árbitro italiano Roberto Rosseti autoriza o início da partida entre Espanha e Alemanha, 203 emissoras de TV transmitem a final da Eurocopa 2008 para 300 milhões de pessoas ao redor do mundo. Dentro do Estádio Ernst Happel, em Viena, 40 mil privilegiados acompanham o embate de perto. Nas ruas da capital da Áustria, 100 mil viventes grudam os olhos em algum telão. 70 mil somente na *Fanzone*, a “cidade do torcedor”.

A Alemanha entra melhor no jogo decisivo, mas logo o quadro muda. A maior qualidade técnica espanhola sobressai frente à impressionante disciplina tática germânica. Paciente, a Espanha chega aos poucos. Coloca uma bola na trave e desperdiça outras oportunidades. Até que *El Niño* Fernando Torres, o vendaval que assombrou o futebol inglês na última temporada, ganha na velocidade do defensor alemão e, com uma cutucada de quem sabe o que faz, estremece meia Europa.

A *Fanzone* é inundada por cantos ibéricos e...e mais nada. Volta a fita!

O dia 29 de junho amanhece ensolarado em Viena. Durante o Campeonato Europeu de Seleções, todos os jogos disputados aqui ocorreram debaixo

de forte chuva, relatam moradores. O cenário para o jogo mais esperado do ano na Europa não poderia ser melhor. Para a decisão, a Espanha aposta na sua talentosa geração de jogadores e tenta afastar a fama de “amarelar” em momentos cruciais. Já os alemães...bem, não importa se o time tem talento ou não. Eles são sempre fortes.

Logo cedo as ruas de Viena são tomadas por gritos alemães e espanhóis. Cada grupo vibra à sua maneira. A festa dos espanhóis é, obviamente, alatinada. Alguns homens vestem-se de mulher e soltam beijos provocativos para os alemães. Jogam bola no meio da rua. Sobem nos pontos de ônibus e criam uma atmosfera talvez nunca vivenciada pela clássica Viena. Os germânicos preferem os tradicionais cantos em coro, entoados disciplinadamente, como que ensaiados. Bradam com força. Ecoa alto.

As bandas de sopro e percussão das duas nações tocam juntas e todos entram na brincadeira, inclusive quem ficou pelo caminho da competição. Italianos, russos, suecos, croatas e tantos outros bailam felizes na festa alheia. Mulheres e crianças misturam-se com marmanjos que deliram com a febre da bola. Velhos e jovens riem o riso de uma celebração engendrada pelos austríacos para o mundo ver. O futebol chega a ser surreal.

É claro que não poderia faltar o problema crônico: cambistas que cobram 500 euros por um ingresso - não há polícia no mundo que controle essa peste. Por outro lado, há os quadros que valem à pena: senegaleses batem seus tambores tribais na porta da *Fanzone* e a *branquelada* pega o embalo africano. Do lado de dentro, o Brasil, porque não pode faltar Brasil onde tem futebol. Uma bateria austríaca (eles no mínimo se esforçaram), comandada por brasileiros, bota todo mundo pra sambar (se é que algum dia, até o fim dos tempos, os europeus vão aprender a sambar). E suar.

Tudo pronto pro espetáculo da bola.

O ronco da cuíca silencia e então, no ritmo dos tamborins austríacos, Fernando Torres entra como um tufão pela intermediária alemã. O mundo pára pra ver. *El Niño* deixa o defensor pra trás, vê o goleiro crescendo em sua frente e encosta o bico da chuteira embaixo da pelota. Ela descreve um arco e morre na fundo da meta. Torres corre para o canto e desliza de joelhos rumo a bandeira de escanteio. O mundo volta a se mover. Soam as castanholas. Aguda o trompete. *A Fanzona* é tomada pela Fúria.

Dali pra frente, só festa. “Donde están los alemanes, los alemanes donde están?”, catavam alto os espanhóis. No estádio, o rei Juan Carlos abraça a rainha Sofia. Emocionado, o primeiro ministro Zapatero comemora o feito que ele também gostaria de alcançar: unir a Espanha. Na celebração da bola, todos os espanhóis estão juntos. Esquecem diferenças étnicas e disputas políticas. Ao menos por um momento, não são andaluzes, catalães, galegos ou bascos. São espanhóis. No dia 29 de junho de 2008, pelo futebol, cantam lado a lado, sinceros: “España és una, y no cincuenta y una! España és una, y no cincuenta y una!”. *Ooolé!*

O que sobrou do medo

Cracóvia/ Polônia, em 02.07.2008

Enquanto escrevo, ainda sinto o cheiro de mofo que domina uma sala com aproximadamente 100 m², tomados por restos de cabelo humano. O odor está impregnado no ar há quase 70 anos, desde que mais de 1 milhão de pessoas foram mortas no campo de concentração de Auschwitz, maior reduto dos assassinatos nazistas. Não sei se algum dia aquele cheiro abandonará o local. Aquela imagem nunca sairá da minha cabeça.

A terra pedregosa, a parede de fuzilamento ainda manchada, crematórios, os arames que separavam vidas do mundo. Está tudo lá. Viraram atração turística. Passeio de família. Acredito que ninguém escolhe ter uma experiência desagradável durante uma viagem de lazer. Conhecer Auschwitz, no entanto, é relevante para se perceber do que o ser humano é capaz. Assim, e talvez somente assim, o homem corte pela raiz qualquer ideia semelhante àquela.

Toda a estrutura utilizada pela máquina do nacional-socialismo de Hitler continua intacta. O visitante anda no mesmo terreno por onde as pessoas caminharam para a morte. É obrigatória a passagem pela emblemática entrada principal, onde o letreiro *Arbeit Macht Frei* – O trabalho liberta – recepcionava os prisioneiros com infeliz ironia.

Enquanto escrevo, lembro com tristeza da



penosa visita. A força parece ainda sustentar corpos que pendulam sem pulso. A linha férrea de Bikernau – Auschwitz II, de fotografia conhecida por todo o mundo, deixa a impressão de que ainda conduz passageiros para o suspiro final. A exposição de objetos pessoais dos prisioneiros, como óculos, sapatos e malas, dá uma vaga noção de quantos sucumbiram ante um ideal de supremacia, que jamais resvalou na razão.

Auschwitz virou colônia de férias. Adolescentes da Noruega deixam a Escandinávia no verão, para ajudar na manutenção do campo sob o impiedoso sol polonês. “Queria participar de um programa de voluntários e escolhi vir pra cá para conhecer mais a história do lugar. A experiência é boa, mas o clima é muito ruim”, diz Noah, de 16 anos. Ele tem razão. 64 anos depois de desativado, Auschwitz continua cercado por uma energia que facilmente deprime os mais sensíveis.

Sorrindo no campo, encontro apenas uma garotinha com seus 3, 4 anos, que acompanha os pais durante a visita. Ela não faz idéia das experiências científicas feitas ali. Cobaias humanas. Documentos expostos. Tomara que cresça e caminhe pela vida sem testemunhar episódio parecido.

Enquanto escrevo, descubro que este é um texto que não deveria vingar. São sobras de impressões que, sinceramente, mal consigo expressar com palavras. Me pergunto como existem autoridades que negam o holocausto mesmo podendo “tocar” em Auschwitz. Me pergunto como muitos fizeram parte daquilo por realmente acreditarem em seus objetivos. Não acho respostas, a não ser a conclusão de que as sobras daquele campo de concentração juntam, em um só espaço, tudo que sobrou da vida, com tudo que sobrou do medo.

Sobre a afetividade com sabor de dandê

Salvador/Bahia, em 21.07.2008

Após quase um ano respirando ares europeizados, um homem sabe que está em casa, no caso, a Bahia, quando senta num bar para assistir uma peleja futebolística e, mal se acomoda na cadeira, ouve retumbante: “Veeeeeeenha, *viaaaado*. Sente aqui de meu lado, seu corno, que hoje a porra do Vitória vai brocar o Flamengo lááá, bem no Maraca”. Após a delicada convocação, olho para o lado e vejo dois amigos se abraçando com notável prazer. Afago mútuo.

Enquanto acompanho a peleja em questão, na qual o poderoso rubro-negro da Boa Terra devorou o rubro-negro carioca lá, no relvado do Maior do Mundo, vou reconhecendo os informais modos de tratamento da Terra de Todos os Santos. “Senta, *fila* da puuuta, que eu quero ver minha porra invadindo” e “tira o chifre da frente do telão, seu sacana” são pequenos exemplos em que os degradantes vocativos passam sem que ninguém se aborreça.

Após quase um ano respirando ares europeizados, um homem sabe que está em casa, no caso, a Bahia, quando telefona para o ex-chefe à procura de uma recolocação no mercado de trabalho e, antes de um “alô” do outro lado da



linha, ouve: “Cadê você, seu Zé *Buceta*? Não vai vir trabalhar não, é?” Já no clima ameno, digo que estarei lá no dia seguinte e questiono sobre a necessidade de levar alguma coisa para me apresentar ou, ao contrário, chegar somente com a cara de paisagem. “Trazer o quê, seu *viiiado*? Eu quero é você aqui amanhã de manhã que eu vou te apresentar a sua nova chefe e ela vai botar logo pra *fuder* em cima de você!”

Com isso tudo, lembrei de um amigo chamado Sérgio, companheiro de umas dessas redações por onde já passei. Goiano, descendente de japoneses, criado sob o manto da tradicional cultura oriental, Japa, como eu gostava de chamá-lo, não se conformava com a forma como amigos e colegas baianos dirigiam-se uns aos outros. “Não é possível. Se você chama alguém de veado, de corno, de filho da puta, isso é uma ofensa. Você está ferindo a honra da pessoa”, dizia ele com fala pausada.

No rastro, os mais afoitos da redação mobilizavam-se para tentar explicar: “Não, Japa, não tem ferir honra certa. Aqui é assim mesmo, todo mundo é *viiiado*, corno, *fila* da puta. É carinhoso, Serjão, ninguém vai brigar por causa disso”. Na altura, o melhor argumento que arranjei foi: “Se você está jogando bola, não existe dizer ao cara ‘Meu querido, toque a bola, por favor!’ . É muito mais eficaz berrar um ‘Ô, seu *viiado*, toque essa caceta dessa bola. Vai levar pra casa, é? Enfia logo na bunda, porra!’ . Assim, o time joga por música e as amigas continuam”. E isso também funciona quando você precisa fechar uma matéria e seu colega está enrolando com dados importantes”, ponderei.

Mais recentemente, vivendo em Portugal, tive um camarada chamado Paul. Um belo dia caí na asneira de me referir ao gringo como “o sacana do alemão”. Foi um problema encontrar metáforas que explicassem o uso da palavra “sacana” como um vocativo de afeição, e que não necessariamente ele tinha feito alguma sacanagem comigo. Paul entendeu e, com disciplina germânica, agora até assina as mensagens que

me manda como “O Sacana”, para não perder o uso do novo vocábulo recém-inserido ao seu ainda vacilante português.

Na verdade, na verdade, na verdade, após quase um ano respirando ares europeizados, um homem sabe que está em casa, no caso, a Bahia, quando chega na fila de embarque do vôo que sairia da Cidade do Porto, em Portugal, para Salvador. Ali, um rapaz pede carinhosamente à namorada: “Ô, mainha, pegue um copo d’água ali *pa* mim, vá, na moral!”. Dentro da aeronave, outro casal senta perto de mim e lá pras tantas, ouço o moço comentar com um amigo: “Ooolhe, paaai, a aeromoça não quis servir mais vinho à Carol porque achou ela com cara de maluca!”. A namorada não gosta muito da brincadeira, mas ele faz umas graças e os dois se beijam. Já em solo baiano, no túnel de saída do avião, o rapaz adianta o passo e Carol, atrás de mim, suplica: “Você não pode andar mais devagar, não?”. “E você não pode andar mais rápido, não?”, rebate ele. Antes que a mulher comece a reclamar, o rapaz vira para frente e segue seu rumo, agora com uma passada mais solta, ritmada. Por fim, ouço-o cantarolar no compasso do pagode: “Ela é problemática! Ela é problemática!”.

Nem olho para trás para ver a reação da mulher. Tenho certeza que eles se amam. Ah, se se amam!